ISSN 2594-9063

https://doi.org/10.30681/traos.v10i1.14439

# As enchentes de 2024 e o governo de Eduardo Leite em charges brasileiras

*The 2024 floods and the government of Eduardo Leite in Brazilian cartoons*

Ilka de Oliveira Mota[1]
*Universidade Federal de São Carlos*

José Pedro Lopes Linard[2]
*Universidade Federal de São Carlos*

**Como citar este trabalho:**
MOTA, I. de O.; LINARD, J. P. L. As enchentes de 2024 e o governo de Eduardo Leite em charges brasileiras. **Traços de Linguagem,** v. 10, n. 1, 221-232, 2026.

**RESUMO:** A partir da perspectiva materialista do discurso na interface com estudos sobre o neoliberalismo, este artigo busca compreender as representações da enchente de 2024 no Rio Grande do Sul, que circularam em charges de cartunistas brasileiros. Constituída de charges de Latuff, Jota Camelo e Nando Motta, a pesquisa parte da hipótese de que elas são a materialização de posições político-ideológicas aos quais os chargistas estão filiados ideologicamente, contrariando a interpretação hegemônica propagada pela mídia corporativa de que a enchente foi um mero acidente climático. A análise mostrou que, enquanto Jota Camelo se concentra na crítica à economia política neoliberal que produziu o desastre e seus efeitos, Latuff, por sua vez, foca nas consequências do acontecimento. Por outro lado, as charges de Nando Motta se assentam num discurso que se dá no movimento entre denúncia e lamento, resultando no apagamento da questão política e econômica que está na base do acontecimento.
**PALAVRAS-CHAVE:** Enchente; Neoliberalismo; Gestão Pública; Eduardo Leite; Charges.

**ABSTRACT:** From the materialist perspective of discourse at the interface with studies on neoliberalism, this article analysis the representations of the 2024 flood in Rio Grande do Sul, which circulated in cartoons by Brazilian cartoonists. Composed of cartoons by Latuff, Jota Camelo and Nando Motta, the research starts from the hypothesis that they are the materialization of political-ideological positions to which the cartoonists affiliate ideologically, contradicting the hegemonic interpretation propagated by the mainstream media that the flood was a mere climate accident. The analysis demonstrated that, while Jota Camelo focuses on criticizing the neoliberal political economy that produced the disaster and its effects, Latuff, in turn, focuses on the consequences of the event. On the other hand, Nando Motta's cartoons are based on a discourse that occurs in the movement between denunciation and lament, resulting in the erasure of the political and economic issue underlying the event.
**KEYWORDS:** Flood; Neoliberalism; Public Management; Eduardo Leite; Cartoons.

[1] Pós-doutorado em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2025). Pós-doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2019). Doutorado em Linguística Aplicada e Mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente da associada da Universidade Federal de São Carlos (instituição, grupos, centros, programas etc.). E-mail: ilka.mota@ufscar.br
[2] Graduado em Administração pela Universidade Federal de São Carlos, campus Lagoa do Sino. E-mail: joaolinard@estudante.ufscar.br

## Introdução

Em maio de 2024, os gaúchos vivenciaram uma tragédia, talvez a maior da história do estado do Rio Grande do Sul. Inundações atingiram algumas cidades do estado, como Porto Alegre e Canoas principalmente. Conforme dados emitidos pela Defesa Civil Estadual, em meados de 27 de maio, pelo menos 469 municípios e 2.345.400 pessoas foram afetadas pelas enchentes, resultando no desalojamento de mais de 580 mil e 169 mortes, além de pessoas desaparecidas e desabrigadas.

Compreendemos que essa tragédia está relacionada com a política econômica do governo de Eduardo Leite: uma política anti-ambiental que segue a lógica neoliberal do Estado Mínimo.

Inscrita na Análise de Discurso Materialista na interface com estudos sobre o neoliberalismo, esta pesquisa busca compreender as representações sobre as enchentes no Rio Grande do Sul, em 2024, que circularam em charges de três chargistas brasileiros. O pressuposto é que as elas funcionam no sentido de não somente denunciar a política do governador Eduardo Leite e dos prefeitos das cidades gaúchas, mas fundamentalmente constroem um arquivo potente, permitindo uma interpretação outra diferente da veiculada pela mídia hegemônica. Partindo desse pressuposto, formulamos a hipótese de que as charges pesquisadas são a materialização de posições político-ideológicas aos quais chargistas estão filiados ideologicamente, contrariando a interpretação hegemônica que circulou na mídia burguesa no período em questão, de que se tratava de um mero acidente climático.

## O neoliberalismo e seu *modus operandi*

O neoliberalismo é uma corrente de pensamento econômico e político que defende a redução da intervenção do Estado na economia, dando ênfase na difusão do mercado livre, da concorrência e da iniciativa privada. Tal pensamento surgiu como uma reação ao intervencionismo estatal e às políticas de bem-estar social que se apoderaram do século XX, em especial depois da crise econômica da década de 1970 (Fiori, 1997).

Historicamente, de acordo com Dardot e Laval (2016), os ideais neoliberais surgem no Colóquio *Walter Lippmann*, realizado em Paris, em 1938, na esfera do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, mas tornou-se preeminente a partir da década de 70 do século XX, como modo de organização da economia e dos estados nacionais, em um contexto marcado por crises econômicas e desmantelamento do estado de bem-estar social.

O neoliberalismo apregoa algumas das seguintes ideias: i. *Privatização;* ii. *Desregulamentação;* iii. *Livre mercado;* iv. *Livre comércio e globalização* e v. *Redução do Estado.*

Piketty (2014) faz uma crítica importante ao neoliberalismo, em especial no que concerne ao impacto das políticas neoliberais na produção da desigualdade econômica. A crítica feita pelo autor traz ricos detalhes de dados históricos sobre a distribuição de renda e riqueza. Dentre os diversos pontos que o economista francês aponta sobre o neoliberalismo, destacamos dois deles.

O primeiro deles diz respeito ao *crescimento da desigualdade econômica*. Piketty (2014) assevera que o neoliberalismo, em especial após a década de 1980, intensificou a desigualdade de renda e riqueza. As políticas neoliberais, que incluem desregulamentação dos mercados, cortes de impostos para os mais ricos, redução do papel do Estado na economia e enfraquecimento dos sindicatos, favorecem os mais ricos e contribuem para o aumento das assimetrias da riqueza. Para o autor, o neoliberalismo comparece como

uma força que tem permitido a intensificação da concentração de riqueza, em desfavor da classe média e das camadas mais pobres da sociedade.

O segundo ponto concerne à *destruição do Estado de Bem-Estar Social* em diversos países ocidentais. O autor mostra que, ao cortar impostos sobre aqueles que detém os meios de produção (os ricos) e reduzir o gasto público como saúde, educação e seguridade social, o neoliberalismo debilita as redes de proteção social que poderiam mitigar as desigualdades sociais.

Harvey, geógrafo, teórico social e crítico tenaz do capitalismo e do neoliberalismo, afirma em suas obras, em especial aquelas em que ele se dedica a refletir sobre a lógica da economia neoliberal, que o neoliberalismo, mais do que uma ideologia econômica, é um modo de organizar a sociedade, a política e a economia global em favor do capital e dos gestores das grandes corporações. Das diversas premissas que o pensador traz em suas obras, gostaríamos de trazer para a consideração duas delas.

A primeira é a *Teoria do Capitalismo como processo de acumulação espacial*. O autor, que é geógrafo e atento às questões sócio-políticas e econômicas, compreende que o capitalismo não é apenas uma estrutura econômica, mas um sistema global que se desenvolve e se vincula através do tempo e do espaço. A acumulação capital é ao mesmo tempo um processo geográfico e econômico. Isto é, o capitalismo se organiza e reconfigura o espaço físico por meio da dinâmica de concentração de capital em dadas regiões e da circulação de mercadorias.

Já a segunda diz respeito às *contradições e crises no capitalismo*. Na esteira do pensamento de Karl Marx, para Harvey (2008) o capitalismo é contraditório e está propenso a crises, crises essas que, longe de serem falhas no sistema, são parte constitutiva de seu funcionamento. Vale dizer que tais crises se materializam de diferentes formas: espacial, econômica e política, culminando em um sistema de exploração e do esgotamento dos recursos naturais.

Para Klein (2008) o capitalismo de desastre é uma prática econômica em que grandes corporações, investidores e gestores beneficiam-se de crises, desastres naturais, guerras e outros acontecimentos catastróficos para lucrar e implementar políticas que favorecem o setor privado, geralmente passando por cima do bem-estar social e das necessidades públicas. A autora aponta que a lógica desse capitalismo consiste em que, em períodos de crise (enchentes, furacão, vendaval, guerras etc.), governos e populações, em estado de choque, estão mais vulneráveis a aceitar mudanças rápidas e radicais nas políticas econômicas.

A seguir, elencamos três aspectos típicos que constituem a lógica do capitalismo de desastre:

i. *Reformas econômicas repentinas*: Em momentos de crises financeiras ou sociais, governos, bem ao gosto dos "arquitetos econômicos", podem adotar políticas que beneficiam corporações, tais como: reduções de regulamentações ambientais ou trabalhistas; cortes de impostos para os ricos ou entrega de contratos públicos a grandes empresas;

ii. *Privatização de bens públicos*: Após desastres, serviços essenciais (educação, saúde, energia etc.) são entregues à iniciativa privatizada a fim de lucrarem com a necessidade da população,

iii. *Intervenções em países de guerra*: Empresas privadas de segurança e/ou reconstrução entram em países devastados, tomando proveito da ausência de governança e oferecendo seus serviços a preços proeminentes.

Na lógica desse capitalismo, os desastres naturais e as guerras se tornam grandes oportunidades de mercado. Schmidlehner (2013, p. 29) ratifica que os mecanismos do capitalismo de desastre passam a funcionar "quando os indivíduos de uma sociedade

perdem sua narrativa, e o capitalismo selvagem, aproveitando sua paralisia e impotência, pode impor suas regras sobre eles."

## Os princípios da Análise de Discurso Materialista

A Análise de Discurso (AD doravante) de cunho materialista se apoia em três regiões do conhecimento científico em suas articulações contraditórias: a Linguística, o Materialismo Histórico e a Teoria da Enunciação, atravessado por uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica.

Tendo como objeto o discurso, a AD o compreende como efeitos de sentido entre locutores, sendo uma prática social em que jogam relações de poder, embates e conflitos de classes. Mais exatamente, o discurso é produzido nas contradições materiais e ideológicas de uma formação social determinada, o que redunda em dizer que todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes.

A AD assenta-se em pelo menos quatro primados elementares que devem estar na base do movimento de análise: 1) Não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia; 2) A linguagem é opaca, o que significa que ela tem historicidade; 3) O sujeito é dividido e habitado pelo inconsciente e 4) O sentido não está preso às palavras, mas é determinado no jogo material das formações discursivas (FD doravante).

A FD é definida como aquilo que numa formação ideológica dada – isto é, a partir de uma posição em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. O sujeito diz o que diz a partir de sua inscrição em uma FD e não outra para ter um sentido e não outro. As FD representam no discurso as formações ideológicas, o que redunda em dizer que os sentidos são determinados ideologicamente. Para Orlandi (1999, p. 43): "Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz efeitos, materializando-se nele." A AD comparece produtiva justamente aí: explicitar a maneira como linguagem e ideologia se articulam, produzindo sentidos.

As FDs podem ser compreendidas como regionalizações do interdiscurso (leia-se memória discursiva), configurações específicas dos discursos em suas relações. Dito isto, pode-se dizer que em AD, é pela mobilização da(s) FD(s) que é possível compreender os diferentes sentidos em disputa, o que leva Orlandi (1999, p. 44) a afirma: "Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes."

## A charge e suas especificidades

Historicamente, as charges se consolidaram no âmbito jornalístico, no entanto, a respeito de sua circulação, houve um deslocamento interessante na sociedade, fundamentalmente com o advento da internet: além dos sites jornalísticos, as charges passaram a ser veiculadas em sites exclusivos, blogs de chargistas, entre outros (Possenti e Carmelino, 2019).

Na análise, deve-se interpretar as charges a fim de recuperar os enunciados e/ou fatos disseminados pela *mass media*, que fomenta sua criação. Consideradas como produções humorísticas, elas "tendem a questionar, criticar, denunciar (talvez mais do que divertir)" (Possenti e Carmelino, 2019, p. 29), e que remetem a acontecimentos atuais e a pessoas conhecidas na sociedade.

Outro aspecto fundamental das charges é a sua relação com o político: elas inclinam-se à disputa de sentidos, colocando muitas vezes por terra interpretações

hegemônicas veiculadas pela mídia hegemônica. Tal caráter a tornam um objeto discursivo sério, pois em sua grande maioria trazem para dentro da cena discursiva temas caros à sociedade.

As noções de *ethos* (Maingueneau, 1998), de memória discursiva (Courtine, 2009; Pêcheux, 1999), ironia e a sátira serão mobilizadas, já que são profícuas no processo de compreensão dos sentidos produzidos nas/pelas charges. O termo *ethos* é originário da Grécia e apropriado por pesquisadores vinculados à Teoria do Discurso. Para Maingueneau (1998), todo discurso engendra representações dos enunciadores aludidos na cena discursiva. O discurso é proferido em certo tom, o que implica uma corporalidade e um caráter, traços físicos e psicológicos, que, segundo Carmelino e Possenti (2019, p. 35), são traços atribuídos ao enunciador pelo leitor por meio de representações estereotipadas.

Em Pêcheux (1999, p. 11), o conceito teórico de memória é relativo a algo da ordem do coletivo, que funciona na estruturação do discurso que constitui "a materialidade de uma certa memória social". Nessa via, a memória é estruturante, já que remete a elementos anteriores e exteriores a um enunciado. Para Courtine (2009) há dois movimentos entre memória e discursividade: o primeiro é da ordem do esquecimento (apagamento), enquanto o segundo da retomada de discursos.

No trabalho de análise, a retomada é um aspecto fundamental, já que elas dizem respeito à recuperação de formulações enunciadas alhures.

A ironia, aspecto constitutivo das charges, apresenta um funcionamento que atesta o fato de que "todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro", ou seja, o autor defende que, longe de ficar alienado, paralizado em uma região de interpretação, o sentido pode deslocar-se para outras regiões que lhe é distinta, abrindo espaço à interpretação. Segundo ele, é a presença do *outro* nas sociedades e na história que permite a abertura para pontos de deriva possíveis, compreendidos estes pontos como espaços que permitem ao leitor interpretar a partir de sua inscrição em determinado contexto histórico de produção.

A ironia atesta a incompletude da linguagem, que se fundamenta no fato de que todo discurso estabelece relação com outros discursos e com a situação (contexto sócio-histórico e ideológico) em que é engendrado.

Orlandi (1983) assevera que faz parte da ironia o rompimento com processos de significação estabelecidos institucionalmente. Para a autora, a ironia abre para o equívoco da língua, sua possibilidade de poesia, tal como Pêcheux (1983) vislumbra. Na mesma via, Ferreira (2000) afirma que o equívoco instaura a ruptura no fio do discurso, resultando na possibilidade de fazer e desfazer sentidos.

Finalmente, a sátira é um modo de produção de sentidos que inclui o humor, a ironia e o exagero. Ela é pensada como um recurso estético linguageiro bastante presente em charges. Para Figueira (2019), a sátira "prescinde da repetição (mesmo que por vezes recorra a ela) e apresenta um teor crítico (eventualmente, ideológico) acentuado – ela ridiculariza e ataca seu objeto".

As charges são um material fecundo para a análise discursiva e compreensão de seu processo de significação como expressão de conflitos de classes, posicionamentos ideológico-políticos antagônicos e contraditórios, evidenciando diferentes posições de sujeito no discurso.

## Análise discursiva das charges

Analisaremos duas charges de cada um dos cartunistas brasileiros: Carlos Latuff, Jota Camelo e Nando Motta, totalizando 6 charges produzidas na ocasião da enchente de 2024 no Rio Grande do Sul. O objetivo consiste em compreender o seu funcionamento discursivo, as representações discursivas das enchentes, bem como do governo de Eduardo Leite.

O objetivo é compreender o caráter material dos sentidos que permeiam as charges, isto é, compreender, na análise, a formação social capitalista e o antagonismo de classes. Noutros termos, compreender o modo como os sentidos são produzidos demanda mobilizar a noção de História da perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético. Lembramos que, na AD, a referência à História só se justifica a partir da análise dos efeitos das relações de classe sobre as práticas linguísticas de uma formação social dada.

Iniciamos com as charges de Latuff. Trata-se de uma série de charges desse artista que retratam a tragédia das enchentes no Rio Grande do Sul a partir das quais é possível ler o mesmo enunciado abaixo da assinatura: "no olho do furacão". Isto se dá em razão de o chargista ser gaúcho e morar em Porto Alegre; ele vivenciou e registrou a tragédia. Segue o recorte 1:

**Figura 1: RS**




Fonte: https://www.brasil247.com/authors/carlos-latuff

Nesta charge predomina-se a linguagem visual, no entanto não se pode negligenciar o verbal tanto na canoa (a sigla do Estado, RS) quanto nos coletes dos políticos Melo (prefeito de Porto Alegre), à esquerda da charge, e Leite (governador do Rio Grande do Sul), à direita.

A barca simboliza o estado do Rio Grando do Sul (a sigla RS no barquinho) , que ficou em situação caótica em razão da enchente. Observe-se que há um jorro d'água saindo do meio do barco, enquanto ao fundo, uma tempestade pesada com nuvens cinzas escuras e trovões. À direita, ao fundo, um poste de luz e à esquerda, uma casa inundada pela enchente.

No primeiro plano, um morador acena em vão com a mão para fora se afogando, já que os dois homens (políticos) estão preocupados em tirar a água da canoa. A mão acenando está funcionando como metonímia das vítimas (representa a população pobre atingida), enquanto os políticos, retratados com as calças arregaçadas, estão preocupados em tirar a água do barquinho.

A charge faz irromper uma memória relacionada com a expressão popular "canoa furada", e representa metaforicamente os problemas estruturais do Estado. Ou seja, a situação retrata pelo chargista se materializa a tradução visual da expressão linguística "canoa furada".

A ação de ‘tirar a água da canoa’ representa metaforicamente medidas paliativas e indica que se trata de um estado “furado”, “quebrado”, “deficiente” em razão de sua agenda neoliberal.

Ademais, no plano visual, a *canoa furada* representa a falta de investimento, de manutenção das comportas e de estrutura em geral do estado, o que torna essa medida – de tirar a água com balde – insuficiente. A canoa é metáfora do estado do RS: malcuidado, malgovernado. Em geral, a charge mostra o sofrimento do povo atingido e os políticos indiferentes, lidando de modo emergencial com a enchente; isto é, não resolvem o problema central do Estado, que descuidou da infraestrutura.

Da metáfora visual “canoa furada”, depreendemos os seguintes sentidos que estão em sua margem: **Canoa furada** → falta de investimento, falta de estrutura, indiferença às pessoas, medida paliativa, estado mínimo e neoliberalismo.

Retomando: os políticos retratados são os agentes da política neoliberal adotada. Na charge, é possível observar a indiferença à tragédia e à dor das pessoas e a cara de desdém dos políticos, o que se materializa na expressão facial de nojo misturada com irritação. Como já dissemos, a vítima está morrendo sob os olhares indiferentes dos gestores neoliberais, que estão mais preocupados com a água que invade a canoa do que com a vítima que está se afogando.

Observemos a charge a seguir do mesmo cartunista:

**Figura 2 - A grande onda climática**




Fonte: https://www.brasil247.com/authors/carlos-latuff

De autoria de Latuff, nesta charge há uma grande onda tingida de laranja ao fundo, enquanto, no segundo plano, há nuvens sombrias e trovões. A canoa minúscula comparece como metáfora do tipo de governo adotado, qual seja: um governo que prima pelo Estado mínimo.

Diferentemente da charge 1 em que aparece o nome do estado na canoa, nesta, por sua vez, lê-se a formulação “estado mínimo”, o que serviria para qualquer estado. Desse modo, não é só o Estado RS que está implicado; a metáfora é da própria concepção de estado pressuposta pelo neoliberalismo: o estado mínimo. O pequeno barco diante de uma enorme onda prestes a engolir os dois homenzinhos, indica sua insuficiência para as ditas mudanças climáticas.

Na charge, Latuff identifica-se ideologicamente com o discurso neoliberal que justifica as tragédias como decorrentes das mudanças climáticas e não por causa da agenda neoliberal adotada. O discurso sobre as mudanças climáticas parece um tanto controverso e, mais que isso, equivocado afirmar que a causa da enchente de 2024 é devido meramente à mudança climática. Trata-se de um discurso que silencia as responsabilidades da gestão do estado e de seus governantes. Contraditoriamente, Latuff

enuncia desse lugar ideológico, o mesmo discurso dos imperialistas e neoliberais ou *dos capitalistas do desastre (*Klein, 2008).

A formulação enunciada por um dos personagens "Vamos precisar de um barco **bem** maior...." estabelece intertextualidade com o filme *Jaws* (Tubarão), de Steven Spielberg, ou seja, ela faz referência à fala de um dos personagens desse filme ao ver o monstro gigante (tubarão) que eles deveriam enfrentar ("We will need a bigger boat"). Na charge, há o acréscimo do advérbio "bem" para enfatizar a diferença de tamanho entre barquinho e mudanças climáticas. Tanto o filme quanto a charge estão apontando para o estado mínimo, a causa e a piora da tragédia.

A seguir, analisamos as charges de Jota Camelo.

**Figura 3 - Governo decorativo**




Fonte: www.jotacamelo.com.br

Há um jogo irônico entre o verbal e o visual. Enquanto a água da enchente cobre tudo, moradores e animais se refugiam no telhado. Note-se que os homens estão descabelados e vestidos com roupas em farrapos e os bichinhos estão horrorizados diante da tragédia.

O título da charge "Governador decorativo" sinaliza que se trata de um governador inútil, ineficiente. Note-se que o termo 'almofadinha' tem relação com ineficiente: "O almofadinha do Leite não tá fazendo porra nenhuma". Enquanto o primeiro homem refere-se a *fazer* > *governar*, o segundo, por sua vez, interpreta ao pé da letra. O verbo "fazer" permite o equívoco da língua: "Pára de espalhar fakenews, tchê! Ontem ele foi no show da Ivete Sangalo". O humor é extraído do equívoco que o verbo "fazer" permite. Enquanto na fala do primeiro homem o verbo refere-se a governar (*fazer* > *governar*), no segundo, por seu turno, significa *fazer qualquer coisa*, no caso ir ao show da artista. A comicidade é extraída do equívoco que o verbo 'fazer' gera. Ironicamente, ir ao show da artista é fazer NADA, o que desqualifica não somente o governo, como também a artista Ivete Sangalo. Em síntese, a charge faz uma crítica ao governador, representando-o como um inútil que não faz nada e que prefere ir a um show do que governar propriamente.

**Figura 4 - Leite neoliberal, é tomar e passar mal**




Fonte: www.jotacamelo.com.br

Esta charge traz um chiste verbal: leite (bebida láctea) e Leite (nome do governador). *Leite neoliberal* refere-se à agenda econômica do governador Eduardo Leite que "*causa catástrofes*". A charge, que imita formas publicitárias para vender produtos, traz no topo da garrafa o enunciado "*Ministério da saúde adverte: Leite causa catástrofes*" na relação com os demais "*Leite neoliberal – é tomar e passar mal*", "*Já vem azedo*" e "*Estado mínimo. Privatização*", que dialogam com a imagem ao fundo: pessoas na enchente desamparadas.

Desses enunciados é possível depreender o campo semântico que permeia a charge. Ela traz em seu bojo o campo semântico censurado tanto pelo governo de Eduardo Leite quanto pela mídia *mainstream*:

catástrofes – neoliberal –- estado mínimo – privatização

Tais palavras formam um campo semântico ligado a uma FD crítica a qual o cartunista está filiado ideologicamente. Tal FD confronta a formação discursiva dos meios de comunicação hegemônicos e governamental, que interpretam a enchente como um mero problema climático, silenciando os aspectos políticos e econômicos que estão em sua base. Dito de outro modo, elas contrariam a FD hegemônica – a da mídia burguesa – que corrobora a versão de que se trata de uma mera fatalidade, catástrofe natural. A charge é uma denúncia de que ele não tomou medidas para evitar a catástrofe, o que significa que, longe de ser natural, ela é decorrente da gestão pública assumida.

Na caricatura de Eduardo Leite, Jota engrossa as sobrancelhas e barba, além das olheiras. Ao fundo, coloca-se a foto das pessoas na enchente, mostrando a tragédia. Pelo jogo de sentidos, a enchente é o efeito que a ingestão desse leite (leite azedo) pode causar: indigestão/gestão, resultado da agenda neoliberal adotada pelo governo. Isto é, a charge focaliza o tipo de política econômica adotada pelo governo do Rio Grande do Sul. Os efeitos não seriam tão destrutivos se não fosse pela política econômica neoliberal adotada.

A seguir, as duas últimas charges são de autoria de Nando Motta:

**Figura 5 - Doem, porque aqui dói...**




Fonte: https://www.facebook.com/nando.motta.7

Há um jogo com a forma dos verbos *doar* e *doer*: o verbo *doar* conjugado no plural "doem" é homógrafo do verbo *doer*, quando de sua conjugação no plural (doem). Isto é, o imperativo do verbo *doar* (segunda pessoa plural) é homógrafo do verbo *doer* (terceira pessoa do plural).

A charge foca na doação por meio do jogo de palavras que a homografia existente entre os verbos *doer* e *doar* permite, ou seja, é graças a essa homografia que o jogo chistoso com os referidos significantes é garantido. Portanto, é uma charge que faz apelo à denúncia e ao compadecimento com as famílias que foram atingidas pela enchente. O foco não é a política, mas a compaixão e a empatia.

Embora não esteja explícito, na charge está funcionando o discurso cristão, mas certamente de compaixão pelas vítimas atingidas pela enchente. Lembremos que o discurso socialista também é constituído historicamente pelo afeto da compaixão pelos mais explorados e oprimidos do mundo. No contexto de emergência da enchente, o enunciador pede doações, como foram pedidas por muitos em vários lugares do Brasil diante desse acontecimento.

É importante notar que esse discurso tem um caráter diferente dos outros que permeiam as demais charges, que geralmente criticam e denunciam as causas e consequências dos problemas gerados pela enchente.

A seguir, está a charge 6, última que compõe o corpus analítico:

**Figura 6 - Tristeza…**




Fonte: https://www.facebook.com/nando.motta.7

Nesta charge, as palavras são representadas boiando em meio às águas da enchente. Recordamos que o que está implicado nas enchentes e é retratado na charge é justamente o que se perdeu com ela: amigos, conquistas, famílias, sonhos, amores, entre outros; no plano de fundo, casas cobertas pelas águas barrentas da enchente. É uma charge que se assenta entre denúncia e lamento; a questão política é apagada, portanto.

Ambas focalizam as consequências; na charge 5, além das consequências, há a filiação a uma FD cristã, trazendo para a cena discursiva o tema da doação àqueles que sofrem.

O tema das inundações foi o foco dos chargistas nacionais e internacionais. Salvas as poucas diferenças ideológicas e estéticas, as charges representam a enchente como resultado da política econômica neoliberal adotada pela governança do estado.

As inundações poderiam ter sido evitadas se o governo não tivesse ignorado o relatório emitido pela Assembleia Legislativa em que existiam várias iniciativas que o Governo do Estado deveria tomar como, por exemplo, maior investimento nas áreas de prevenção, na área da defesa civil e uma legislação mais rígida com a questão da preservação ambiental.

A enchente de 2024 é uma crise gerada, tornando-se uma oportunidade aos capitalistas de desastre, peritos em arquitetar formas lucrativas de reparação. Assim que as águas baixaram, os governos neoliberais do estado iniciaram o processo de capitalização de soluções "inovadoras" promovidas por corporações por meio de projetos de reconstrução das cidades atingidas, bem ao gosto do capitalistas de desastre. Assim, guardadas as devidas diferenças, a argumentação que atravessa as charges subverte a lógica discursiva produzida e difundida pela mídia corporativa, que funcionam no sentido de apagar as responsabilidades das gestões públicas dos governos em favor da agenda neoliberal econômica do mercado financeiro.

## Considerações finais

A presente pesquisa analisou o funcionamento discursivo de seis charges que abordaram o tema da enchente de 2024, ocorrida no estado do Rio Grande do Sul. Buscou-se compreender as representações sobre este acontecimento, bem como as imagens da gestão pública de Eduardo Leite, governador do estado, e de seus prefeitos.

Na mídia burguesa capitalista, há uma tendência para tratar o problema das enchentes como uma questão relativa às mudanças climáticas – o mesmo discurso promovido pelos países do G7, o que deve ser visto com o máximo de desconfiança – do que como problema concernente à economia política neoliberal. Na charges analisadas, o aspecto da economia política é abordado com tom de crítica e denúncia porque os chargistas estão filiados ideologicamente a um discurso desenvolvimentista. Esse discurso aparece, de modo contundente, em todas as charges de Jota Camelo. Na charge 2, Latuff identifica-se ideologicamente ao discurso das mudanças climáticas, que tende a apagar o caráter político e econômico das enchentes, e aproximando-se, inconscientemente, do discurso imperialista sobre o tema.

Enquanto Jota Camelo se concentra nas causas do problema que geraram a enchente, isto é, na política baseada numa agenda neoliberal que produziu o desastre e seus efeitos, Latuff, por seu lado, foca nas consequências do acontecimento. Há uma crítica em suas charges às autoridades que deixaram a enchente acontecer novamente. Já as charges de Nando Motta se assentam num movimento de sentidos entre denúncia e lamento, resultando no apagamento da questão política e econômica que está na base do acontecimento 'enchente'. Embora retrate o acontecimento das enchentes, o modo de sua abordagem despolitiza o debate.

## REFERÊNCIAS

CARMELINO, Ana Cristina; POSSENTI, Sírio. Charge, memória e polêmica: o caso Bolsonaro. Revista Diálogos Pertinentes, v. 15, nº. 2, p. 27-50, 2019.

COURTINE, Jean Jacques. **Análise do discurso político**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo. Tradução Mariana Echalar, 2016.
FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 2000.
FIORI, José Luís. **Os moedeiros falsos**. Petrópolis: Vozes, 1997.
HARVEY, David. **O Neoliberalismo: História e Implicações**. São Paulo, Edições Loyola, 2008.
KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque: A ascensão do capitalismo de desastre**. Tradução de Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise de discurso**. Trad. M. V. Barbosa e M. E. A. T. Lima. Belo horizonte: Editora da UFMG, 1998.
ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso:** Princípios & Procedimentos. Campinas, Pontes, 1999.
ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Destruição e construção do sentido:** um estudo da ironia. Trabalho apresentado no colóquio do Dep. de Linguística do IEL, UNICAMP, Campinas, SP: 1983.
PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. O papel da memória. Campinas: Pontes, 1999.
PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.